

ENSAIOS HISTÓRICOS

A fundação Calouste Gulbenkian e a saga do seu museu em Lisboa

por Leopold Rodés

No dia 23 de março de 1869, Calouste Sarkis Gulbenkian nascia em Istambul, numa família de abastecidos comerciantes armênios. Estudou no *King's College* de Londres, onde recebeu, em 1889 e com distinção, o diploma em Engenharia e Ciências Aplicadas. Após ter visitado os campos petrolíferos de Baku, em 1891 publicou as memórias da sua viagem num livro onde era apontado o petróleo como uma importante fonte energética do futuro.

Por causa da sua clareza ao fundamentar esta previsão, o jovem de 24 anos Calouste Gulbenkian recebeu a incumbência de preparar um relatório sobre os campos petrolíferos do Império Otomano. No relatório, aquele jovem juntou uma série de dados e informações que permitiram convencer os grandes financeiros internacionais da época sobre a relevância da oportunidade estratégica representada pelo petróleo. Aquelas informações permitiram também persuadir os governos localizados nas áreas petrolíferas sobre o futuro da nova fonte energética cujo potencial estava se descontando rapidamente no Oriente Médio.

Os seus conhecimentos sobre o

petróleo permitiram orientar a política internacional petrolífera do Governo Francês durante a Guerra do 14. O renome assim adquirido propiciou-lhe uma participação, em 1924, na partilha da antiga *Turkish Petroleum Co.* entre os quatro "novos grandes": a Anglo-Persian Oil Co., a Royal Dutch Shell Group, a Compagnie Française des Pétroles e a Near East Development Corporation (Standard Oil + Socony Mobil Oil). Como retribuição pelo seu aconselhamento estratégico e articulações criativas ao longo das negociações da partilha, conseguiu 5 % das ações.

O COLEÇÃOISTA E A FUNDAÇÃO

O nome de Calouste Gulbenkian já era conhecido entre os colecionadores-de-arte antes da I Guerra. No entanto, a grande fortuna ganha nas suas atividades ligadas ao petróleo permitiu a Calouste Gulbenkian intensificar a aquisição de obras-de-arte dos mais variados estilos e procedências, mostrando o perfil eclético e multifacetado das escolhas. A maior disponibilidade de recursos permitiu, também, mostrar sua grande generosidade ao oferecer assistência na solução de problemas que, dificilmente, eram atendidos pelas organizações filantrópicas da época.

Parte da coleção Gulbenkian de pinturas européias e de artigos egípcios esteve emprestada por uns tempos à *National Gallery of Art* em Washington, até sua devolução para se juntar ao resto das outras coleções no Museu e Quartel-General da Fundação Gulbenkian em Lisboa, assim satisfazendo a expressa vontade do Fundador para que suas obras-de-arte (mais de 6000) fossem, convenientemente, mantidas, em condições adequadas para sua preservação, num abrigo comum.

Fugindo da II Guerra Européia e na procura de uma paz difícil de encontrar na Europa, em 1942 escolheu Portugal para passar os últimos anos de sua vida. Radicado em Lisboa por 13 anos, faleceu em 20 de julho de 1955. Pelo seu testamento, datado em 1953, Calouste Gulbenkian dispõe dos seus bens para criar uma Fundação, herdeira da sua fortuna. O Testamento determina que os fins da Fundação são caritativos, artísticos, educativos e científicos. Da mesma maneira que em vida ele usou exemplarmente da sua fortuna, mediante a Fundação por ele criada, quis assegurar a continuidade da demonstração prática da sua visão sobre a função social da riqueza e dos deveres éticos e morais dos seus depositários.

FORÇAS MAIORES INDUZEM MUDANÇAS NA POLÍTICA DO MUSEU

No Museu da Fundação estava em vigor a política, reiteradamente declarada, de considerar o seu objetivo principal a conservação dos objetos de arte mantidos no Museu, uma conservação fundamentada, essencialmente, em medidas preventivas, visando otimizar o equilíbrio físico-químico de modo a propiciar a preservação das peças guardadas nas dependências do Museu. Somente em casos excepcionais e como último recurso

deveriam ser tomadas medidas corretivas, tais como a restauração.

As inundações de 25 de novembro de 1967 atingiram o acervo da Fundação Calouste Gulbenkian mantido nas salas do Palácio Pombal em Oeiras. Uma violenta enxurrada tomou conta dos espaços destinados a salvaguardar importantes coleções de obras-de-arte pacientemente juntadas pelo doador e, assim sendo, as lamaçudas águas que invadiram aqueles espaços ficaram cobrindo livros preciosos tanto pelo seu conteúdo como pelas suas artísticas encadernações, obras de ourives especializados nesses acabamentos protetores. Também danificaram códices de valor incalculável, inúmeras gravuras, desenhos e outros objetos das coleções que ficaram danificados por terem permanecido submersos nas águas e nos lodos por tempo suficiente para colocar em perigo suas características de obras-de-arte.

Os desastres da inundação despertaram o senso de responsabilidade que permanecia nas profundezas das atitudes mais subconscientes dos membros do corpo de administradores, cientistas das artes e sua história, técnicos especializados, todos aqueles profissionais funcionalmente ligados ao Museu. Assim, os responsáveis pela conservação do Acervo da Fundação perceberam logo mais que os problemas causados pelos estragos decorrentes da trágica inundação do Palácio Pombal em Oeiras podiam ser resumidos numa urgente necessidade de "recompor", "refazer", "recuperar" o Acervo, todos eles sinônimos de "restaurar", o verbo cuja declinação nunca foi bem-vista nos museus de primeira ordem.

Passado o primeiro momento de estupor paralisante, houve uma reação salutar e energética que conseguiu mobilizar todos os recursos e capacitações disponíveis

Divulgação/Fundação Calouste Gulbenkian



Mais de 6 mil peças compõem o Acervo do Museu

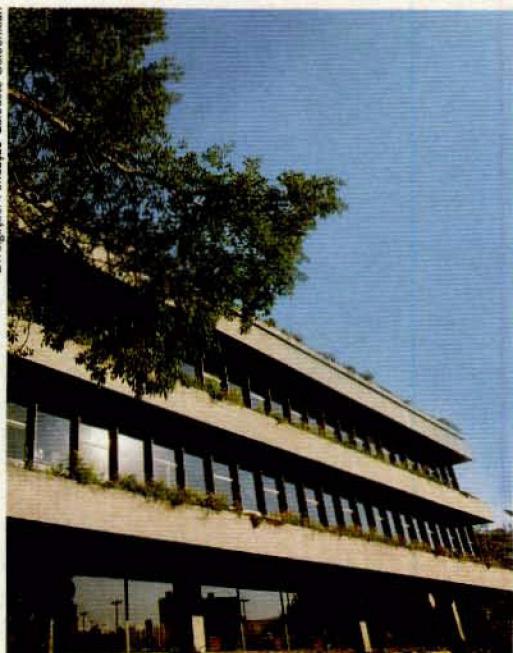
para dar início ao "salvamento". A dedicação, beirando à devoção, daqueles que sem demora colocaram suas respectivas capacitações profissionais dentro de um esquema de colaboração convergente e consistente nos seus elevados objetivos, resultou numa surpreendente eficiência e numa eficácia sem precedentes. Tornando possível o que era considerado impossível, gerou um entusiasmo que contagiou rapidamente os consultores estrangeiros cuja assistência fora contratada para complementar as lacunas de conhecimentos especializados necessários para orientar a execução do "restauro" global do Acervo da Fundação.

ENVELHECIMENTOS ORGÂNICO E INORGÂNICO, SUPERPOSIÇÃO EVOLUTIVA

Os seres vivos apresentam um processo de envelhecimento que mostra um escoamento do tempo crescentemente acelerado ao se aproximar do fim da sua evolução fisiológica vital. Este envelhecimento também acontece nos objetos de arte, inclusive nos destinados a preservar uma visão dos seres vivos mediante

expressões gráficas ou esculturais representando, mimeticamente, aspectos morfológicos externos ou, também, registrando atividades do intelecto mediante a simbologia da escrita. Ambas as expressões são portadoras de uma preocupação comum: a preservação da imagem passageira decorrente de situações sincrônicas cuja seqüência permite reconstruir uma visão diacrônica da evolução. É de se esperar, portanto, que estas expressões complementares configurem o perfil fundamental dos objetos que constituem os acervos dos museus. Na maioria das vezes, estes acervos foram iniciados por um indivíduo como uma coleção particular, visando satisfazer o desejo de usufruir o prazer de dispor do conjunto de obras escolhidas. Aos poucos, as obras-de-arte da coleção passam a ser instrumentadas para perpetuar a memória do perfil de vivência do próprio colecionador, isto acontecendo de forma evidente ao serem as obras doadas a um museu, sob os cuidados de uma fundação criada pelo doador com esta finalidade.

Normalmente, os museus precisam distribuir, cautelosamente, suas medidas preventivas ao longo



Fachada da Fundação, em Lisboa

de muitas gerações de sucessivos esquemas de conservação, visando salvar o seu acervo dos pequenos e microscópicos desastres do dia-a-dia, e cuja totalidade representa uma danificação numa ordem de grandeza equivalente ao causado por um único evento, como uma inundação súbita. O pessoal técnico mostrou, na oportunidade, saber dedicar seus esforços concentrados ao redor dos efeitos desastrosos da explosão súbita de um único e inesperado evento impactante.

A morte interrompe o processo evolutivo vital, convertendo o ser vivo num montículo de cinzas que não mais representam, morfológicamente, o ser vivo do qual formavam parte importante em vida. Esta desfiguração de passar ao não ser foi sempre uma preocupação dos seres humanos desde as culturas mais primitivas, com exemplos de grande semelhança oferecidos por todas elas mediante representações gráficas morfológicas (pictogramas) que, no fundo, significam o início de uma evolução caracterizada pela seqüência e sucessão de gravuras,

desenhos, óleos, murais, esculturas, construções monumentais e inúmeras outras expressões artísticas que documentam características morfológicas externas. Paralelamente, foram se desenvolvendo modos e maneiras de representar o pensamento mediante ideogramas ou representação dos fonemas que compõem as palavras e seus conteúdos conceituais, registrando estes elementos de uma forma gráfica na superfície de suportes adequados para a palavra escrita.

A DIFÍCIL REMANUFATURA DE UMA OBRA-DE-ARTE

O refazer ou recompor uma obra-de-arte antiga exige, preliminarmente, um conhecimento aprofundado das técnicas que foram utilizadas na manufatura da peça original. "Remanufaturar" uma peça antiga demanda um mergulho profundo nas tecnologias artesanais de tempos idos e muito mal registradas, por quanto, quando registradas, elas o foram usando termos arcaicos que já caíram em desuso, o que recomenda a elaboração de um glossário *ad-hoc* com a finalidade específica de poder traduzir o pensamento do autor ou do artista, do passado para o presente, com a máxima fidelidade possível.

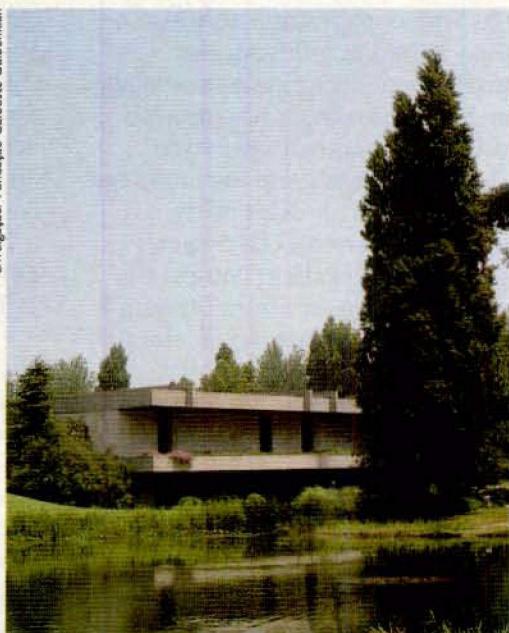
Para conseguir este objetivo, foi necessário mergulhar, profundamente, nas áreas turvas de tecnologias artesanais mal ou insuficientemente descritas pelos artistas, seus usuários. Nesta oportunidade, os produtos manufaturados defeituosamente, com falhas na qualidade original evidenciada por uma menor

resistência funcional perante a desastrosa inundação que os impregnou de lama e outras sujidades, demonstraram ser de grande utilidade ao marcar claramente os pontos fracos, as debilidades "ocultas" das antigas manufaturas, assim indicando as trilhas preferidas para as medidas corretivas e seus contornos, quando assim era aconselhado.

INTERNALIZAR INOVAÇÕES PROPICIOU FORMAR NOVOS PROFISSIONAIS

A salvaguarda em condições de urgência urgentíssima que exigiu a desastrosa inundação colocou em pé de guerra os técnicos da época, forçando-os a descortinar caminhos não trilhados, mesmo que já conhecidos. Esta convivência propiciou visualizar melhor as falhas na estruturação dos próprios recursos humanos, facilitando sua complementação mediante um programa de visitas, estágios, seminários e cursos em Portugal e em instituições estrangeiras com tradição e conhecimentos atualizados.

O preenchimento de lacunas de
Continua na pág. 22



Museu possui muitas coleções de pinturas europeias

conhecimentos especializados propiciou repetidas oportunidades para exercer comparações entre os diversos níveis de capacitação contratados para cooperar e reforçar, pela internalização de novos conhecimentos, os já disponíveis localmente. Este aumento de conhecimentos teóricos mais amplos e as contínuas oportunidades de verificações práticas enriqueceram, de modo extraordinário, a base experimental e prática dos técnicos especializados do Museu, permitindo a consolidação destes conhecimentos no formato do I Curso de Formação de Técnicos de Conservação e Restauro de Documentos Gráficos em 1950.

A SAGA DO MUSEU É TEMA DE LIVRO

As dificuldades da restauração global do Acervo podem ser captadas nas entrelinhas da publicação *Do Bisturi ao Laser*, publicação onde é registrada a labor da magnífica equipe que conseguiu recuperar grande parte do acervo da Fundação.

O livro acima mencionado é uma verdadeira jóia, no sentido de mostrar o trabalho dramático realizado, após as inundações do 67, pelo Corpo Técnico responsável pela conservação e restauro do Acervo. É emocionante acompanhar a revisão resumida à qual nos convida o livro, e reviver a Exposição organizada para apresentar ao grande público os resultados conseguidos pelos pesquisadores e colaboradores do Museu.

Iniciando pelos objetos de arte que compõem o conjunto de Artes Gráficas, são comentadas de forma clara e muito didática os percalços que afetaram os livros islâmicos da coleção; as lutas para contornar os problemas causados pela enxurrada nos códices ocidentais, as medidas terapêuticas aplicadas para salvar as estampas e livros japoneses e nos

desenhos e gravuras européias; a difícil recuperação das talhas douradas de molduras e as delicadas cirurgias "ortopédicas" na laca de biombos orientais. Estas aventuras ousadas, tornadas possíveis pela oportuna participação de uma visão intuitiva complementando insuficientes conhecimentos nas técnicas artesanais em desuso, são narradas acompanhando informações sobre uma listagem de materiais diversos com a descrição das suas "antigas" características funcionais, as que fundamentaram seu uso nos objetos trabalhados. Entre estes materiais, pinçamos, como exemplos destacados, as madeiras, os pergaminhos e couros, os diversos papéis, tintas, pigmentos, vernizes e lacas; coadjuvantes como colas, resinas, fibras vegetais e lâminas metálicas. Um grande número de utensílios entra na abrangência que vai do bisturi ao laser, título muito curto para uma história que encerra muitos ensinamentos práticos sobre os conhecimentos científicos e a intuição artística, elementos necessários para saber restaurar conservando (ou conservar restaurando?).

UM MUSEU DE PERFIL DIFERENCIADO

Do Bisturi ao Laser, como já comentado, é um título breve demais para um longo período de trabalho e especialização na recuperação dos denominados "livros-príncipes", onde o objeto portador de beleza passa na frente dos seus colegas imobilizados no seu conteúdo textual, por oferecer um deleite visual complementado pela sensualidade do tato.

Os eventos dramáticos que constituem a Saga do Museu marcaram uma transformação profunda na atitude e estruturação da instituição. Ela deixou de ser um depósito quase que passivo de bens culturais e passou a se comportar

como uma instituição obsessionada em devolver a vida ao seu Acervo quase morto. O nível de eficácia demonstrada credencia a instituição e o seu corpo técnico para oferecer aconselhamento em problemas de degradação súbita, catastrófica, ou na luta que visa a neutralizar, preventivamente, fatores lentamente degradantes do dia após dia, porquanto os elementos que exemplificam valores culturais de outrora estão sujeitos a uma lenta e inexorável erosão material dos seus atributos de qualidade, numa evolução natural que obedece leis físico químicas difficilmente contornáveis.

O entrossamento entre os responsáveis pelas diversas seções que cuidam do Acervo do Museu Calouste Gulbenkian e da Oficina de Restauro é uma das características que diferencia este museu de muitos outros. Diálogos construtivos, inspiradores de métodos inovadores, fertilizam este entrossamento na procura de soluções para problemas multidisciplinares, mediante os quais pode ser facilitada a confirmação de diagnósticos que complementam uma intuição, fundamentada numa longa prática experimental, e um conhecimento científico sobre seus componentes artesanais ▲

